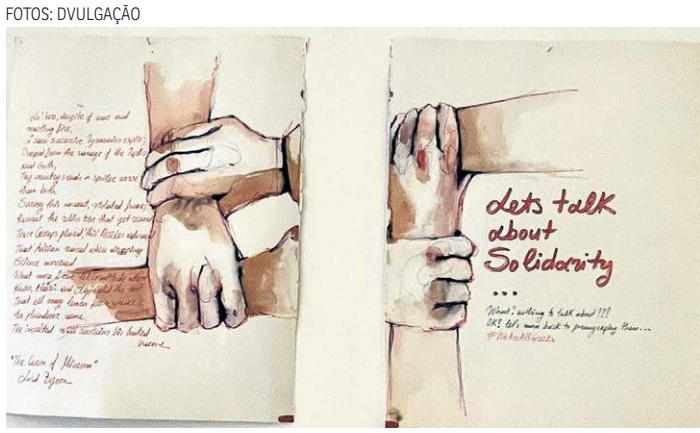
FOTOS: DVULGAÇÃO



Solidariedade é um dos temas tratados pela artista em obras que combinam textos e desenhos

Materiais recolhidos no Cerrado serviram de base para Minha árvore preciosa

Retratos também fazem parte do repertório figurativo da artista grega

CERRADO RESILIENTE

A artista grega Demi Kaia se inspira na biodiversidade da flora e da fauna do Centro-Oeste para criar obras que falam de vulnerabilidade e compartilhamento

Nahima Maciel

Conhecer o Cerrado foi uma experiência profunda para a artista grega Demi Kaia. Durante residência na Karla Osório Galeria, que recebe agora a exposição produzida pela artista durante a vivência brasiliense, Kaia se deparou com a sensação de deslocamento. "O que eu esperava era intensidade, diferença, talvez até um certo tipo de 'alteridade' cultural e natural. O que encontrei, na verdade, foi uma pluralidade inesperada em quase tudo: culturas, ritmos, paisagens, sensibilidades e modos de convivência", conta a artista.

O resultado desse olhar está em *Mãos que traçam fronteiras*, em cartaz na Karla Osório até 28 de fevereiro. A mostra reúne uma série de desenhos, pinturas e objetos que a artista chama de ready-made e que foram produzidos com materiais locais a partir de uma leitura que tem o bioma do Cerrado como ponto de partida. Demi brinca que o primeiro encontro com o Brasil se deu por meio de um ficus e um pavão. "Desde o início, a natureza não parecia decorativa ou distante, mas ativa e dominante. Essa mudança de percepção tornou-se uma parte importante da minha experiência durante a residência", explica.

A primeira obra produzida surgiu de uma cadeira de ferro abandonada encontrada pela artista durante uma caminhada. Demi trabalha com temáticas centradas na ideia de compreender o "que mantém este mundo unido". Os temas surgem da prática de longa data de manter diários de desenho e de escrita. "Depois de atravessar uma fase em que traduzi a violência com violência, usando imagens duras e gráficas, hoje me vejo caminhando por um tipo diferente de campo minado", explica. "Entidades não humanas passaram a entrar no trabalho de forma mais consciente, menos agressiva e raivosa. Mesmo nas guerras mais brutais, elementos não humanos frequentemente ocupam um lugar distinto na narrativa, talvez porque tenham uma capacidade única de revelar ou escavar a decência humana."

Um caule de coqueiro se mistura a papel de algodão, folhas, tinta e fio de lã nesse objeto

Nos trabalhos realizados em Brasília, aparecem aves, sapos, bovinos e primatas. São figuras surgidas da observação da natureza do Centro-Oeste. "O que mais me impressionou no Cerrado foi sua biodiversidade e sua importância dentro de um ecossistema global extremamente frágil. Apesar da intensa pressão urbana, do rápido crescimento populacional e dos efeitos das mudanças climáticas, fiquei impactada com o quanto a natureza parece viva e resiliente. A flora e a fauna estão visivelmente presentes e, em muitos aspectos, prosperando", diz Demi.

SERVIÇO

Mãos que Traçam Fronteiras

Exposição de Demi Kaia. Visitação até 28 de fevereiro, de segunda a sexta, das 10h às 19h, e sábados, das 10h às 17h, na Galeria Karla Osorio (CJ 31, Lago Sul). Entrada gratuita. Agendamento por telefone, email, DM no Instagram ou WhatsApp.

TRÊS PERGUNTAS PARA **DEMI KAIA**

Como Brasília influenciou esse processo criativo?

Brasília teve um papel crucial nesse processo, especialmente pela disponibilidade de materiais naturais. Sempre que eu me sentia bloqueada, bastava caminhar pela propriedade. A natureza estava sempre presente e generosa, oferecendo materiais, soluções e direção. Esse diálogo constante com o ambiente moldou profundamente a forma como as obras foram feitas, e sou muito grata por isso.

Sobre o que tratam os desenhos criados para a exposição?

Os desenhos dão continuidade ao meu interesse por narrativas animistas e antiespecistas que colocam vidas humanas e não humanas no mesmo nível. Brasília não foi apenas um contexto, mas uma fonte ativa de inspiração que moldou a narrativa e a imagética dos desenhos. Um desenho que eu destacaria é Caramelo Dog. Durante a viagem, encontrei esse cão vira-lata tão familiar, e mais tarde fiquei muito feliz em descobrir que o caramelo se tornou um ícone cultural no Brasil. Ele simboliza resiliência, diversidade e um espírito tipicamente brasileiro. Eu quis refletir sobre coexistência e vulnerabilidade compartilhada, permitindo que entidades não humanas ocupem um lugar central e digno dentro do meu trabalho e do meu mundo em geral.

O que mais te impressionou no Cerrado e como esse bioma está nas obras?

O Cerrado está presente em todas as obras que produzi durante a residência. Às vezes, essa influência é direta, por meio do uso de materiais encontrados no local. Em outros momentos, aparece de forma mais indireta, no uso abstrato das cores ou na maneira como ideias e conceitos se desenvolvem no trabalho. O bioma moldou não apenas o que eu fiz, mas também a forma como pensei enquanto criava.